

AS LUTAS QUIXOTESCAS E A EDUCAÇÃO: RESISTÊNCIAS E CONTRADIÇÕES

Sandra de Fátima Pereira Tosta¹

Gilbert Daniel da Silva²

Introdução

A reflexão na fronteira da antropologia com a educação nos parece bastante relevante para ampliar significados de fenômenos que observamos. Ambas podem se enriquecer ao se estranharem e dialogarem, retomando questionamentos e práticas em dimensões múltiplas. De um lado, a educação se renova ao se inspirar em conceituações singulares possibilitadas nas dimensões de um olhar de perto e de dentro; do outro, a antropologia se afirma como espaço também da aprendizagem sobre o outro e seu processo humanizador, elementos fundamentais para o processo de ensino e aprendizagens. Assim, pretendemos, neste artigo, analisar em que medida uma categoria nativa interpretada em uma etnografia pode nos auxiliar a compreender outras questões um tanto quanto exteriores ao que foi pesquisado inicialmente. Isto é, aproximar teorias construídas em um dado contexto de outras situações a ele análogas.

No caso em questão, usar a categoria das “lutas quixotescas” para refletir sobre alguns aspectos da educação escolar e das variadas formas de resistências que podemos nela observar, ao manter o foco em práticas de professores que, mesmo em pequeno número e contra pensamentos hegemônicos, seguem lutando e fazendo suas forças se expandirem nas direções mais imprevistas. Para isso, relatamos episódios observados em escolas da rede pública da cidade de Belo Horizonte, como também situações que testemunhamos em instituições superiores de ensino nas quais atuamos. Situar as categorias nativas como uma forma de conhecimento sobre o outro, isto é, de um princípio que muito potencializa a condição de quem no trabalho de campo se aventura a dialogar com categorias da antropologia e com os nativos de cada espaço de cultura que as cidades acolhem.

Essas categorias nativas podem ser percebidas como formas *sui generis* de explicar uma cultura ou culturas usando para isso termos que ocorrem nas práticas discursivas dos próprios nativos

¹ Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo e professora do Programa de Pós-Graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local da UNA.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Minas e professor da rede municipal de Belo Horizonte.

e, desse modo, explicam parte do que vivem e falam sobre si mesmos. Para nós, a educação pode se fortalecer ao aprender algo com as lutas quixotescas. Pensá-la como lutas dessa ordem pode ser motivo para desesperanças, mas, por outro lado, não seria um despropósito atribuir um caráter de resistência ao que os professores produzem cotidianamente. Eles lutam com as ferramentas que estão ali disponíveis, resistem as forças que os oprimem, não abandonam seus alunos mesmo quando todos os poderes se voltam contra eles. Pensar a educação como uma luta quixotesca é compreender que, acima de qualquer coisa, fazemos da educação algo do qual não abrimos mão.

Desenvolvimento: Categorias Nativas (na Ciência do Outro)

Talvez possamos afirmar que toda categoria nativa é uma explicação que o antropólogo formula a partir do que ele aprendeu no convívio com seus nativos. O que ele aprende só pode ser devidamente explicado quando esse tipo de categoria é formulada, de modo a ajustar melhor as nossas lentes que, no primeiro contato, ainda não conseguem focar o objeto de análise mas que aos poucos e durante um longo e intenso período de exposição no trabalho de campo, por fim nos fazem ver melhor o que e como os nativos se entendem e compartilham regras e símbolos.

Entrar no campo da pesquisa é sempre um desafio, como comprovam as pesquisas de Zaluar (1984) e Tosta (1997). Basta recordar as idas e vindas que sofreu Foote Whyte ao tentar conhecer e ser conhecido em Corneville quando ainda não havia sido iniciado por Doc, ou seja, todas as situações constrangedoras e até mesmo de ameaça à integridade física estiveram rondando Bill em suas primeiras incursões. No trabalho de campo as aprendizagens marcam os corpos dos pesquisadores, iniciando-os em saberes absolutamente singulares, os quais ficam impregnados. Para lembrar somente um pequeno episódio, quando o autor entra em um prédio a procura de informações, destaco o que segue:

Olhei em volta de novo e percebi um trio: um homem e duas mulheres. Ocorreu-me que ali havia má distribuição de mulheres, e que eu poderia corrigir isso. Aproximei-me do grupo com uma fala mais ou menos assim: “Perdoem-me. Vocês se importam se eu me juntar a vocês?” Houve um momento de silêncio, enquanto o homem me encarava. E então se ofereceu para me jogar escada abaixo. Garanti que isso não seria necessário, e demonstrei o que dizia saindo de lá sem qualquer ajuda (WHYTE, 2005, p.292).

Para não sermos jogados escada abaixo precisamos fazer uso de saberes que somente o trabalho de campo nos ensinará. E tal ensinamento acontece nas interações com determinadas pessoas, aquelas tão boas quanto Doc, isto é, habilidosas no trato com seus pares e inteligentes o bastante para indicarem caminhos e o que fazer em cada um deles.

Não se trata, ao contrário do que tais exemplos podem sugerir, de uma ciência exterior a cultura mas de uma cultura de ciência dos nativos. Cada lugar tem suas próprias regras e é dessa dimensão cultural e simbólica que não podemos nos afastar. O nativo relativo acentua as relações sempre provisórias entre o que faz o nativo e o que observa o antropólogo. Não se trata de um aprisionamento do primeiro no gesto libertador do segundo (postura colonialista). O que se anuncia é um lampejo de incerteza sobre a própria categoria da ciência, ou do estatuto pretensamente pretendido pela antropologia. Muito antes disso, o que de fato interessa é como revirar nossas categorizações para nos reencontrarmos nas multiplicidades dos mundos, proliferados pela ciência dos nativos. Por conseguinte, desse lado está uma ideia do conhecimento antropológico como envolvendo a pressuposição fundamental de que os procedimentos que caracterizam a investigação são conceitualmente da mesma ordem que os procedimentos investigados (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 116-117). Ou seja, uma equivalência entre ambos os lados, uma ciência do antropólogo e uma ciência do nativo.

Em sua etnografia sobre o circuito da pixação na cidade de São Paulo, Pereira (2005) descreveu algumas categorias nativas bastante expressivas para compreendermos como pensam e agem os pixadores naquele contexto. O “atropelo”, por exemplo, é quando um pixador desrespeita o espaço já apropriado anteriormente por um pixo e, por cima desse, dispara sua tinta e sua cor, apagando-o parcialmente. O atropelo é uma regra bastante comum entre quase todos os pixadores. Desrespeitá-la faz com que haja conflitos entre jovens e até mesmo entre grupos deles; alguns desses conflitos, segundo relatos dos próprios pixadores, provocam brigas e até casos de homicídio.

Outra categoria por ele descrita se chama “quebrada” e se refere a determinados espaços periféricos da cidade nos quais não se entra sem ser convidado. A quebrada é um espaço sobre o qual determinadas regras se impõem de modo bastante rigoroso. Quem entra ou quem sai precisa atravessar sendo primeiro reconhecido ou acompanhado de quem já é da quebrada. Caso contrário, a ele será interdita a passagem, sendo que, na melhor das hipóteses, o “intruso”

terá a chance de voltar sem sofrer maiores humilhações ou até violência física. “Alguns contam histórias de atritos desse tipo que terminaram em morte” (PEREIRA, 2007, p. 239).

Como último exemplo, Pereira discorre sobre a categoria “ibope” entre os pixadores. Ela fala sobre como cada pixador é recebido e solicitado a assinar nas folhinhas por eles colecionadas e trocadas nos points da pixação. O point é o local onde em períodos regulares os pixadores se encontram para suas sociabilidades. É nele que se torna possível perceber quem está com ibope alto ou baixo. Isto é, quando um pixador é comentado e solicitado a assinar muitas folhinhas tem-se a constatação de que esse pixador está com o “ibope alto”. Já aqueles que não são muito procurados e só pedem assinaturas, estão com o “ibope baixo”. Desse modo, no point da pixação é fácil observar como esses grupos de jovens interagem e se afirmam como figuras de destaque ou não.

Esses três exemplos, atropelo, quebrada e ibope, demonstram como o circuito da pixação na cidade de São Paulo é pleno de regras e regularidades em suas sociabilidades. São essas categorias nativas interpretadas pelo antropólogo que possibilitam a quem está do lado de fora, compreender quem são eles e o que compartilham simbolicamente.

As Lutas Quixotescas e os Gigantes Ilusórios

Ao observar a antigaleria do Piolho Nababo³ durante a pesquisa no mestrado, deparamo-nos com situações que não compreendíamos. O caos no qual o espaço estava configurado, com desenhos, pinturas e gravuras amontoados pelas mesas, jogados no chão ou colados nas paredes, junto com o barulho de um som mecânico, além das vozes que vinham da varanda e das mesas com pessoas bebendo e fumando, todo esse universo de sensações deixou uma marca bastante indelével nas nossas memórias. Importante ressaltar que a proposta da antigaleria era ser um espaço inusitado, sem paredes brancas como nos espaços expositivos convencionais. O diálogo era com as ruas e suas imagens múltiplas, na qual convivem imagens da publicidade, dos grafites, das pixações, e de tantas outras expressões visuais urbanas, como por exemplo, as práticas de *stickers*, nas quais coletivos de jovens colam adesivos em muros, postes, lixeiras, isto é, em várias superfícies dos espaços públicos das cidades.

³ A antigaleria esteve em atividade no Espaço Ystilingue, no Edifício Maletta, entre 2010 e 2012. A nossa etnografia foi produzida no espaço entre os meses de fevereiro e junho de 2012.



FIGURA 1. Pôster lambe-lambe, Foto do Autor, 2013

O Piolho Nababo, de certo modo, pode ser associado a um conjunto de saberes contra culturais, isto é, aqueles saberes que se configuraram a partir de variadas concepções e práticas das juventudes. Em um recorte temporal, podemos dizer que desde os anos 1950, vários grupos e movimentos, na Europa e nos Estados Unidos, mas também em diversas cidades latino-americanas, configuraram-se como redes de contestação dos valores burgueses ocidentais. O sentido majoritário e dominador da figura masculina, branca, heterossexual e de classe média sofreu investidas cada vez mais intensas, em um processo de reelaboração de seus sentidos. Na verdade, mais do que uma reelaboração, trata-se de uma superação simbólica daquela figura. Movimentos como a *beat generation*, os *hippies* e suas questões pacifistas e os *punks*, “cujo melhor exemplo talvez seja a banda londrina Sex Pistols” (FEIXA PAMPOLS *apud* SILVA, 2016, p. 117), colaram na imagem das juventudes a rebelião contra todos os costumes do *status quo* vigente.

Em 1968 – uma data emblemática – o filósofo estadunidense Theodore Roszak publicou *The making of a counterculture*[...]. Essa obra se converteria logo num

autêntico manifesto geracional, que teorizava a missão da juventude como criadora de uma cultura alternativa à dominante, na sociedade, vale dizer, de uma contracultura (FEIXA PÁMPOLS, 2004, p.312).

Voltando ao espaço da antigaleria, levou um tempo para que pudéssemos nos situar naqueles cenários e interagir com aquelas pessoas na antigaleria do Piolho Nababo. Para tanto, foram necessárias muitas conversas com os frequentadores, estar aberto ao diálogo com quem ali estivesse disponível, aceitar os imprevistos e alguns mal-entendidos, além de se reinventar um pouco a cada nova noite de observação. O gesto daqueles frequentadores de colar cartazes com mensagens transgressoras pelas ruas, utilizando o suporte do lambe-lambe⁴ como veículo de seus signos, era descrito por um deles como uma luta quixotesca. “São lutas transgressoras, não há filiação partidária, há apenas a contestação, a rebeldia, o faço você mesmo, uma grande vontade de deixar uma marca nas superfícies da cidade”, (SILVA, 2016, p.76-77) ou seja, tratam-se de lutas até certo ponto inglorias, mas ao mesmo tempo como uma forma de resistência ao que parece-lhes opressor e injusto. “O quixotesco, por outro lado, poderia ser da ordem do humorístico, do risível, mas que não chega a ser irreverente como pensei, pois a graça estaria na loucura de Dom Quixote.” (SILVA, 2016, p.76-77). Eles lutam com as armas que têm às mãos, mesmo que sem promessa de grande êxito nessas batalhas, pois, o que importa é afirmar que, da luta não desistem, mesmo diante dos gigantes. Não deixa de ser uma forma bastante exemplar de resistência pela arte, pela cultura, fazendo com que a cidade seja ocupada por cartazes com mensagens iconoclastas, controvertidas. Legalização das drogas, pornografia, o corpo em evidência sem idealizações, a antipropaganda como estratégia discursiva, por fim, a luta diária contra os poderes dominantes. Eles querem produzir suas singularidades e fazem isso com o que lhes é ofertado: cola, grude, xerox, esticando pelas ruas.

De certo modo, a galeria do Piolho Nababo pode ser descrita como uma proposta de luta quixotesca. Risível, porque se configura de modo inusitado; estimulante, porque se mostra rebelde e avesso a todas as convenções; e original porque nos convida a ver a arte de aspirantes a artistas, ensinando-nos a ver com a produção de jovens ainda não legitimados pelo sistema de arte da capital mineira. “Você olhar com outros olhos trabalhos de pessoas que ainda não são artistas”, (SILVA, 2016, p.116) conforme pude ouvir de um dos pesquisados entrevistados por

⁴ Suporte da publicidade usado para divulgar serviços e produtos em cartazes colados em muros, postes e tapumes de construção civil. Em nossa pesquisa, deparamo-nos com duas categorias de lambe-lambe: aqueles com mensagens exclusivamente publicitárias e aqueles com mensagens antipropaganda, com conteúdo contracultural.

mim. É uma luta quixotesca contra certo circuito de galerias e mercado de artes, fechado a grande maioria dos artistas que nele tentam se inserir. Ainda que a luta do Piolho Nababo seja quixotesca, nem por isso ela não pode provocar as pessoas e deixar pequenas marcas por onde passou. Talvez essa seja a essência das lutas, sempre acreditar e fazer da vida um convite para a transformação.



FIGURA 2. Lambe-lambe do coletivo Culundria Armada, foto do Autor, 2012.

A Educação como Luta Quixotesca

Para essa seção, cremos ser importante propor alguns questionamentos para iniciar o caminho e seguir uma linha de possibilidades. Por exemplo:

Como pensar a educação e a escola como lutas quixotescas? O que exatamente isso significa? Parece-nos que se trata, como descrito anteriormente, de um conjunto de lutas sem grandes chances de êxito mas que, ainda assim, são formas e procedimentos usados por grupos de

peessoas, isto é, uma luta quixotesca encontra pouca promessa de sucesso, ainda assim, os que nela se envolvem seguem na luta, acreditando em causas mesmo que desacreditadas no contexto mais amplo da população. Essa categoria nativa surgiu das observações de campo feitas quando da etnografia da antigaleria de arte do Piolho Nababo, em 2012, e assim foi concebida para interpretar aquele caso específico. Entretanto, há algum tempo vimos refletindo sobre como essa categoria pode ser usada para outros contextos, como por exemplo, nas lutas que observamos quando professores com os quais trabalhamos e convivemos diariamente se esforçam para delimitar críticas e propor alternativas contra certos pensamentos dominantes. Acredito que primeiro preciso dizer o que aqui estamos chamando de pensamento dominante.

Não será possível falar disso sem retomar Freire (1978), quando esse autor nos fala sobre a relação entre dominados e dominantes. Paulo Freire discorre sobre como esses polos, na maior parte das vezes, limitam nossa percepção da realidade, como se fosse possível transitar somente de um para o outro, sem um caminho por entre eles. Na linha de exposição freireana há aquela proposta de formação da pessoa humana para além desses polos, na construção coletiva de princípios libertadores orientados por uma intervenção na realidade. Homens e mulheres como seres capazes de reverter suas condições no gesto articulado coletivamente. A educação como esse gesto, como sua viabilidade e efetivação daquela forma de existir produtora de sua conscientização. Nem dominado, nem dominante: a busca por uma plenitude que nos liberte na comunhão dialógica.

Dito isso, temos um quadro alternativo ao que usualmente testemunhamos quando na presença de crianças e jovens nas escolas brasileiras. Aos invés do individualismo, a solidariedade; no lugar da competição, a busca por objetivos mais plenos e comuns; no lugar do sucesso pessoal, a construção de princípios verdadeiramente democráticos e produtores de convívios horizontalizados.

Nesse quadro relatamos algumas situações presenciadas ao lado de colegas professores, naquela perspectiva de que a educação e a nossa atuação nela pode ser percebida, também, como uma luta quixotesca. Afirmamos isto no sentido de perceber nesse campo práticas de pequenos grupos de professores que investem de modo intenso em atos e palavras, na certeza de produzir certas transformações locais, mesmo em espaços bastante limitados. Dizemos isso de perto e de dentro uma vez que relatamos o que foi e é recorrentemente presenciado e vivido nesses

anos de magistério. E a narrativa exposta fala de situações que podem, até certo ponto, parecer ordinárias, mas que precisam ser analisadas segundo o que elas guardam de singular. Afinal, cada escola é uma escola, e cada tempo traz em si suas pressões e questionamentos contextualizados. Somos múltiplos e estamos sempre reinventando nossas condições como pessoa humana. Nossas totalidades nos escapam, mas seguimos construindo desejos e neles acreditando.

Essa breve exposição nos faz pensar no movimento sindical. Em amigos professores que atuam de modo bastante intenso junto a essas organizações e confessamos que, por dentro dessas lutas, existem micro formas de resistências construídas no intervalo de uma subjetividade-coletividade, algo que pulsa no meio e escapa aos discursos molares, isto é, aqueles discursos nos quais predominam análises estruturais pautadas por certa dimensão total, a exemplo de certas abordagens filiadas ao pensamento marxista. Penso que as lutas quixotescas são o oposto disso, já que se valem de pequenos movimentos ou devires (DELEUZE e PARNET, 2004), ações e palavras perdidas no vento mas que se afirmam como formas de resistência, ainda que essas formas não fiquem claras e possamos sobre elas lançar olhares de desconfiança. Sobretudo quando motivados por determinadas linhas de abordagem.

Pedimos licença ao leitor para arriscar alguns pequenos voos um tanto quanto pretenciosos, mas logo em seguida retomamos a linha protocolar a qual estamos acostumados.

É possível perceber nas lutas sindicais nas quais nos inserimos, é que ao mesmo tempo em que há todo um movimento estruturado junto a uma direção sindical, articulada a outros movimentos sociais e pautados por questões mais amplas junto a questões de ordem nacional, ao mesmo tempo que essas lutas aparentemente conjunturais se manifestam e dominam nossos discursos, há algo sutil que insiste em transbordar. Esse transbordamento é que nos parece dialogar com a categoria das lutas quixotescas, como se mesmo em uma estrutura sindical - ou até partidária - as coisas fluíssem por outros caminhos. Afinal de contas, o que move cada um em sua luta são ideias e crenças muito dinâmicas e em permanente transformação. Quero com isso dizer que, no final das contas, as formas de lutas não estão desligadas de desejos e projetos, sonhos e utopias, alçados a dimensões que nenhum manifesto sozinho dá conta de doutrinar.

Voltando ao tom geral, prossigo com a pergunta: Até que ponto a educação também se torna para nós uma luta quixotesca?

Para responder a essa questão parece que precisamos reverter alguns conceitos e tensioná-los para saber até onde eles podem chegar. Em função do espaço, vou direto ao ponto: na escola na qual trabalho no momento, vejo que meus colegas convivem com a precariedade das condições de trabalho. As ações coletivas acontecem apressadamente, e parece que lutamos contra forças muito grandes, capazes de nos engolir de uma só vez. Homofobia, machismo, racismo, discriminação, violência verbal e física. Somos testemunhas de cenas constrangedoras a nos envolver, participamos desse quadro lastimável mas não desistimos. Talvez seja essa a dimensão quixotesca de nossas lutas. Seguimos com elas mesmo tendo as maiorias silenciosas contra; tentamos fazer frente a tudo o que parece prevalecer e dominar os corpos. As tecnologias nos seduzem, seduzem as crianças e os jovens, seduzem as famílias, os professores e todos que também vivem e fazem a escola. Nossas lutas não passam de um cartaz irrelevante colado no muro, competindo com redes de sociabilidades ampliadas vertiginosamente na direção de um colapso ético e estético. Mas ainda assim resistimos em nossas lutas quixotescas. Resistimos ao colapso e reinventamos nossas pequenas histórias nos conectando ao que se aproxima de nós.

Algumas palavras finais

A educação pode se fortalecer nos processos reflexivos das lutas quixotescas. Nos debates com alunos dos cursos de pedagogia nos quais pudemos lecionar ficou evidente o quanto a educação parece uma luta inglória quando pensada nos contextos fragmentados nos quais ela se construiu historicamente, no caso brasileiro. Talvez seja necessário pensar nossas pesquisas e a quem e ao quê elas servem, mas isso é por si só algo irrelevante, porque, como já sabemos, se nossos professores não encontram tempo para formação, eles não irão ler nossas pesquisas. Por isso, todo o resto parece cair em um abismo perverso e desumano, como se as pesquisas se resumissem a conquista de um título na perspectiva de se tornar algo além de um professor da educação básica.

Mas não é nisso que acreditamos. A possibilidade da transformação, ainda que em pequenos gestos e espaços, movimenta-nos em variadas direções. Nossas pesquisas não fariam nenhum sentido se não fossem inspiradas nas variadas formas de resistência. Em cada escola, encontram-se professores visionários que se alimentam de sonhos e mobilizam pessoas. Inauguram práticas, mesmo quando muitas condições parecem hostis às mudanças. A nossa intuição nos

diz que os processos vão além, como um horizonte que se desdobra de novo a cada passo adiante, na direção de um dia renovado nas manhãs que não se encerram.

Referências:

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Diálogos. Lisboa: Relógio D'Água Editores.2004.

FEIXA PÁMPOLS, Carles. A construção histórica da juventude. In: CACCIA-BAVA, Augusto; FEIXA PÁMPOLS, Carles; e CANGAS, Yanko Gonzáles. Jovens na América Latina. São Paulo: Escrituras Editora. 2004. p. 257-327.

FREIRE, Paulo. A pedagogia do oprimido. 5. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1978.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo. V. 17, N° 49, junho/2002.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Pichando a cidade: apropriações “impróprias” do espaço urbano. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese. (Org.) Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Editora Terceiro Nome. 2007. p. 225-246.

SILVA, Gilbert Daniel da. Piolho Nababo: uma etnografia da antigaleria de arte. Curitiba: CRV. 2016.

TOSTA, Sandra de Fátima Pereira. A missa e o culto vistos do lado de fora do altar: religião e vivências cotidianas em duas comunidades eclesiais de base do bairro Petrolândia, Contagem - MG. Tese (Doutorado). São Paulo, Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1997.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. Mana: Rio de Janeiro, v. 8, no1, p. 113-148, abr. 2002.

6 Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente | I Simpósio Educação, Formação e Trabalho

WHYTE, Willian Foote. Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2005.

ZALUAR, Alba. A Máquina e a Revolta: As organizações vicinais e o significado da pobreza. Tese (Doutorado). São Paulo, Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1984.